

RESSURGIMENTO

SEMANÁRIO NACIONALISTA

Director e Editor, ANTONIO-LINO

Redacção e Administração: C. Af. Henriques, 6
Composição e impressão: Tipografia "Minerva" — Famalicão
Propriedade da Empresa Editora Vimaranesa

PRESENTÉ!

«As nossas primeiras saudações àquele que tornou possível o nosso ressurgimento — que foi seu lema e nosso é também — Salazar. Numa Europa tumultuária e confusa, ergue-se, bem alto, o pendão das quinas, orgulhoso e digno do seu passado. De novo o nome de Portugal é respeitado e marca uma posição no mundo, oferecendo o seu exemplo e dando lições a quem um dia, bem próximo, julgara dar-nos conselhos.»

«Sauidando Salazar vimos colocar-nos incondicionalmente ao seu dispôr como soldados dedicados, ainda que humildes, da hoste nacionalista. As suas directivas serão para nós quais mandados que jubilosamente cumpriremos muito embora nos exijam dolorosos sacrifícios. Estamos certos de que procurando imitá-lo no seu desinteresse, na sua dedicação, no seu patriotismo, na sua incansável actividade a bem do Império, seguimos por bom caminho e a nossa acção por muito apagada que seja não poderá deixar de ser proveitosa.»

Foram estas as palavras com que abrimos o primeiro número do *Ressurgimento*, em 2 de Abril de 1939. São passados mais de dois anos e o tempo ainda não veio descolori-las sequer. Nem sacrifícios, desgostos e lutas nos fizeram desviar, pouco que fôsse, do caminho traçado. Permanecemos os mesmos.



E' que, hoje e sempre, o passado é a garantia do presente. Formada já a nossa mentalidade sob o signó da Ditadura Nacional, não influíram no nosso carácter os mitos demoliberais e maçónicos, cujos ressaibos ficaram em muitos dos que depois cá chegaram. E' isso que nos dá a autoridade das afirmações claras e desassombradas, como é a intransigência nossa que mantém puros os postulados de nossa doutrina. Ésse o nosso orgulho.

Passam os homens mas as ideas ficam. Porque um Ideal

grande foi sempre o nosso Norte nada nos intimida, por mais dolorosos sacrifícios que nos exijam, a prosseguir na luta até atingir o fim. A nossa disciplina é de dentro para fora; sabemos esperar — porque temos Fé.

* * *

Em 27 de Abril de 1928, ao tomar, como Ministro das Finanças, a sua cruz, disse-nos Salazar, naquelas palavras simples e serenas mas fortes, todo um programa a seguir: — «**Sei muito bem o que quero e para onde vou**» — o País precisa, para se salvar, de ter «**confiança na minha inteligência e na minha honestidade**» — e em verdade êle foi o estadista que nos actos da sua vida particular e da sua vida pública inalteravelmente exemplificou as suas doutrinas, dando a todos o mais sugestivo exemplo de honestidade, carácter, disciplina e trabalho.

Deputado dum dia, ministro de quinze, começa a sua subida como Ministro das Finanças — «**primeiro a casa em ordem**» — Presidente de Ministério, Ministro da Guerra e dos Estrangeiros — tôda uma vida «**na ordem, pelo trabalho, em prol de Portugal**»!

Restauradas as finanças; as obras materiais patentes aos olhos dos que não queriam

(Continua na 4.ª página)

Vieira e a Pátria

VIEIRA, prestando a mais leal e dedicada colaboração à Restauração de 1640, desenvolvendo no púlpito a mais fecunda das energias para revigorar seus compatriotas nos elevados sentimentos sociais, defendendo em toda a pujança uma ideia subida e forte da nacionalidade portuguesa, é modelo inexcusável daquele patriotismo que, nesta hora trágica, todos devemos reafirmar em nós.

A alma e coração de Vieira rasgaram-se, de par em par, aos grandes dramas da pátria. A tragédia tremenda de Portugal, que renasce e se teme a dois passos de nova perdição, foi igualmente a tragédia de Vieira.

Seu temperamento de fogo empreendeu viagens, navegou sempre — por atroz coincidência em mares tempestuosos, passou ânsias de mil perigos em terras de herejes, sofreu ser invejado e malsinado nas intenções, propôs planos arrojados e cheios de perigos, às vezes até utópicos, só porque os julgava úteis à Pátria.

E como coroamento de torturas, sentiu o «gôzo amargo dos infelizes» em nações de exílio. Vieira serviu o rei e a Pátria sem ambição, sem interesse, por ideal. Através de todas as suas cartas e sermões, longe da ambição, do cálculo farisaico, da vaidade consciente e mantida, como queria Lúcio de Azevedo, apenas se depreende a dedicação, o entusiasmo, o desinteresse e o amor incondicional à Pátria.

A alguém causará estranheza que um padre, um religioso que deve ser sobretudo ministro de Deus, se ponha quasi incondicionalmente ao serviço da Pátria. Não há motivo para isso, porque para o insigne jesuíta os destinos da Pátria coincidiam quasi herméticamente com os interesses de Deus.

E o que é mais para engran-

decer no grande político e orador que foi Vieira, o que todos nós nele devemos hoje apaixonadamente admirar e imitar, é precisamente a energia sonhadora e incansável com que se devotou a desenvolver na própria alma e na dos seus compatriotas, o sentimento da Pátria, até ao prodigioso delírio de *Portugal Quinto Império do Mundo*.

Pela convicção arreigada de que a maior missão de Portugal, a mais alta razão da sua existência, é a propagação da fé cristã, Vieira constantemente o afirma.

No sermão contra as armas de Holanda, dirigindo-se a Deus, exclama: «os portugueses estas terras vastíssimas como as remotíssimas do Oriente, conquistaram à custa de tantas vidas, e tanto sangue mais por dilatar vosso nome e vossa fé (que esse era o selo daqueles cristianíssimos reis) que por amplificar e estender o seu Império». Dezenas de anos mais tarde, no sermão de Santo António pregado em Roma quando o Marquês de Minas, depois de reconhecido pelo Papa o reino de Portugal, levou embaixada de obediência a Clemente X, de novo repisa a mesma ideia: «Houve-se Deus com os portugueses como agricultor de luzes. Semeia o agricultor em pouca terra o que depois há-de colher em muita. Pouca terra era Portugal, mas ali fez Deus um seminário de luz, para a transplantar pelo mundo.» E mais adiante: «E' verdade que Portugal era um cantinho ou um canteirinho da Europa: mas nesse cantinho da terra pura e mimosa de Deus, nesse cantinho quis o céu depositar a fé, que dali se havia de derivar a todas essas vastíssimas terras...» E seguindo a falsa versão de Fr. Bernardo de Brito, que Vieira frequentemente cita, estabelece até que entre todos os reinos do mundo só Portugal foi fundado por Cristo.

«E' glória singular do reino de

Portugal, que só ele, entre todos os do mundo, foi fundado e instituído por Deus. Bem sei que o reino de Israel também foi feito por Deus; mas foi feito por Deus só permissivamente e muito contra sua vontade, porque teimaram os israelitas em ter rei como as outras nações; porém o reino de Portugal, quando Cristo o fundou e instituiu aparecendo a El-Rei (que ainda o não era) D. Afonso Henriques... disse: *Volo in te et in semine tuo imperium meum stabilire.*»

Este texto é uma veleidade da história alcobacense, mas não deixou de ter eco vibrante na pena de Vieira, sempre pronto a lançar mão de tudo o que glorificasse Portugal.

Na *História do Futuro* chega mesmo a argumentar com Castela: «o que Deus faz só Deus o pode desfazer... Bem sabe Castela que Portugal com singularidade única entre todos os reinos do mundo foi reino dado, feito e levantado por Deus... Se Deus o deu, como o podem os homens tirar?»

O serviço duma Pátria missionária, era para ele a salvação e glória de Deus.

E, a esta luz, que devemos nós pensar do sebastianismo ou antes do messianismo de António Vieira? Terá ele também contribuído para o engrandecimento da concepção da Pátria e portanto, para a Restauração?

A modalidade que Vieira deu ao messianismo foi a de substituir D. Sebastião por D. João IV, que haveria de ressuscitar, dizia, e a de aplicar a Escritura como profecia do futuro ao reino de Portugal. Visionava ainda Lisboa como capital do império universal, sendo Roma capital do catolicismo. Como vemos, o messianismo de Vieira tem todas as características dum grande sonho, tam grande como só um génio o soube sonhar.

Vieira sentindo que a realida-

de era angustiosa, e que a sua amada pátria merecia mais e melhor, deixou essa realidade brutal e triste, e sonhou...

Para o ocaso da vida, lá para o reinado de D. Pedro II, sentindo que a sua presença era já desnecessária, e julgada incômoda, em Lisboa, pois, como todos os homens de vulto, foi um grande incompreendido, Vieira embarcou e tomou o rumo do Brasil. Ali, como humilde missionário, ele que na terra apenas ambicionara uma pátria gloriosa e nada reservara para si, resolve dedicar os últimos lampejos da velhice veneranda, ajudando Portugal a cumprir a sua missão de apóstolo e pregoeiro da Fé, embrenhando-se pelo sertão à busca de almas para Cristo e para a civilização.

Um dia sentindo as forças esvaírem-se-lhe, escreveu a célebre carta à nobreza de Portugal. Em 1697, já nonagenário, expirou.

Nesta hora, em que buscamos no passado o ensinamento do futuro, nesta hora em que celebramos os nossos maiores que através da história nos falam do fastígio do triunfo, admiremos Vieira, uma das figuras máximas da Restauração. Toda a sua obra é uma lição magnífica de portuguesismo; nela, sentimos ressoar — construtiva, vibrante e genial — a alma de Portugal, eterno, nas suas aquisições mais belas, mais puras, mais heróicas, mais dignificadoras.

Pelo zelo apostólico, pelo infatigável ardor com que promoveu a libertação dos escravos, pela dedicação com que deu os seus melhores suores e os seus melhores sonhos de patriota ao engrandecimento da Restauração, o P.^o António Vieira é honra de Portugal que ele quis grande e ajudou a glorificar no mundo.

LÚCIO CRAVEIRO DA SILVA.

Volve a nós teu rosto sério,
Princesa do Santo Gral,
Humano ventre do Império,
Madrinha de Portugal!

As Quinas. Quinta. D. Sebastião, Rei

Louco, sim, porque quis grandeza
Qual a sorte a não dá,
Não coube em mim minha certeza;
Por isso onde o areal está
Ficou meu ser que houve, não o que há.
Minha loucura, outros que me a tomem
Com o que nela fa.
Sem a loucura o que é o homem
Mais que a besta sãdia,
Cadáver adiado que procria?

A corôa. Nunalvares Pereira

Que auréola te cerca?
E' a espada que, volteando,
Faz que o ar alto perca
Seu azul negro e brando.

Sperança consumada,
S. Portugal em ser,
Ergue a luz da tua espada
Para a estrada se ver!

(Continua na página seguinte)

MENSAGEM

de Fernando Pessoa

SAÍU AGORA uma nova edição da *Mensagem*, de autoria dum dos maiores poetas da nova geração e de complexa personalidade, Fernando Pessoa. Edição da Agência Geral das Colónias, ela t'ez parte das suas edições comemorativas dos Centenários. Bem haja.

DO POEMA, onde paira bem alto todo o anseio eterno da Raça, já diz tudo, pelo seu significado simbólico, o seu índice. E em verdade todo o poema vive do mais alto simbolismo intelectual.

Na primeira parte descreve-nos o *Brasão de Portugal* onde os *Castelos*

e as *Quinas* e o *Timbre* são os nossos heróis.

NA SEGUNDA PARTE, o *Mar Português*; na terceira parte, o *Encoberto*, que é, em todo o livro, o fulcro para onde se dirigem todas as ideias do poeta, numa visão maravilhosa do Rumo e alento do Povo Português. E o Sebastianismo é a mística, que aliado aos *Lusíadas*, fizeram o milagre de 1640. Este foi a *mensagem* incitando D. Sebastião à empresa gloriosa de África — e pareceria que, perdida a vida do Rei-Cavaleiro com a batalha, acabaria aí a acção dinâmica do poema.

Mas não. As hostes Sebastianistas sucedem às hostes de D. Sebastião — a nova mística que completa os *Lusíadas* — e é o reacender das cinzas adormecidas.

Os Castelos. Quarto. D. Tareja

As nações todas são mistérios,
Cada uma é todo o mundo a sós,
O' Mãe de Reis e avó de Impérios,
Vela por nós!...

Os Castelos. Quinto. D. Afonso Henriques

Pai, fostes cavaleiro.
Hoje a vigília é nossa.
Dá-nos o exemplo inteiro
E a tua inteira força!

Dá, contra a hora em que, errada,
Novos infieis vençam,
A bênção como espada,
A espada como bênção!

Os Castelos. Sétimo. D. Filipa de Lencastre

Que enigma havia em teu seio
Que só génios concebia?
Que arcanjo teus sonhos veio
Velar, materno, um dia?

○ J E S U Í T A

ELE AGARRA NO SEU BORDÃO DE POBRE.
E SEM MAIS NADA, APENAS COM JESUS.
A TÔDA A TERRA ESTRANHA QUE DESCOBRE
É PORTUGAL QUE LEVA MAIS A CRUZ.

TRANSPÔS O MAR... E SÔBRE UM CÉU DE COBRE
OS PASSOS QUE ELE IMPRIME SÃO DE LUZ.
POR MAIS QUE O MUNDO IMENSO SE DESDOBRE,
À FÉ DE CRISTO, PRESTES, O SEDUZ.

JAPÃO... BRASIL... PALMEIRAS INDIANAS...
AURÉOLAS DE SUPLÍCIO... JOÃO DE BRITO...
DEPOIS O MANUELINHO DANDO BRADO...

LEVAS A DEUS. E A DEUS A PÁTRIA IRMANAS.
POR TANTAS VEZES MÁRTIR E PROSCRITO,
EIS O TEU CRIME, Ó GRANDE APEDREJADO!

ANTÓNIO SARDINHA.

Portugal e a medicina no Japão

O Portugal de quinhentos foi genialmente grande. Pioneiro da Fé utilizou todos os meios aptos à consecução do seu alto ideal. Para não citar outros, em Pequim espanta os astrónomos chineses com a ciência dos seus matemáticos a ponto de serem dados a jesuítas portugueses os primeiros lugares no importantíssimo Tribunal Astronómico; e no Japão com Luiz de Almeida introduz o ensino da medicina europeia. Antes dele outros estrangeiros tinham ensinado esta ciência no Império do Sol Nascente, mas principalmente ao médico e jesuíta português se deve o seu ensino sistematizado e duradouro.

Nasceu Almeida em Lisboa no ano de 1525; formou-se em arquitectura e medicina na Universidade que então se encontrava na capital da nação. Levado pela ânsia de aventura que então aquecia a juventude portuguesa embarca para o Oriente.

A bordo acende-se a peste; sendo médico aprecia a caridade desinteressada e generosa dos jesuítas que viajavam na mesma nau. Logo simpatiza com os apostólicos padres e na Índia mantém com eles amiga e estreita convivência. Dotado de largo espírito de iniciativa, estende o seu comércio da China ao Japão para onde parte, e logo se oferece aos grandes missionários, P. Cosme de Tórres e João Fernandes, para médico da missão.

Compadecido por tantas crianças, bárbaramente sacrificadas pelos pais, funda uma maternidade—a primeira que se conhece no Japão—; homem prático, não se esquece até do leite para os pequeninos, e constrói um estábulo para a criação de rebanhos destinados ao seu fornecimento.

Nesse mesmo ano de 1555 entra na Companhia de Jesus como humilde leigo, a-pesar-de sua elevada posição intelectual e fi-

nanceira. Começando a afluir inumeráveis doentes levanta um grande hospital destinado a todas as doenças, incluindo a lepra.

De todo o Japão lá acorriam esperanças os doentes—só no verão de 1559 curou duzentas doenças, das quais sessenta muito graves. Tratou enfermos que então em Portugal seriam abandonados pelos médicos.

Para que a obra se mantivesse organizou cursos de medicina onde japoneses eram iniciados nos métodos europeus. A fama do médico illustre corria de barco em barco, de ilha em ilha, de aldeia em aldeia, por todos os reinos do Japão, por todo o Extremo-Oriente.

Quando os discípulos adquiriram a ciência necessária para substituir o mestre, Luiz de Almeida coloca um deles em seu lugar, com bem pena da parte dos doentes, e lança-se, fascinado pelo zelo, em penosíssimas correrias apostólicas.

Cura os corpos e cura as almas.

A maioria dos bonzos, porém, temendo o prestígio que o médico religioso alcançava junto dos reis queriam perdê-lo.

Aproveitaram-se para os seus intentos duma doença gravíssima que atingiu o rei de Goto.

Logo propalaram que ela provinha do ódio dos deuses descontentes com a grande simpatia que o rei mostrava para com a religião católica.

Os pagãos facilmente acreditaram e logo acorreram às preces públicas ordenadas pelos bonzos. Pela mesma intenção também o jesuíta erguia as mãos ao céu. Sua alma debatia-se perplexa. Sarando o rei atribuir-se-ia a cura aos deuses; se morria, que esperar para o cristianismo a não ser uma guerra ferosíssima? A única solução seria a cura, mas uma cura que fôsse necessariamente atribuída ao Deus dos cristãos. Deus alumiu-o.

Reveste-se de coragem, penetra nos paços reais, cura o doente.

Sessão solene comemorativa do 4.º Centenário da Companhia de Jesus

Sob a presidência do Sr. Dr. João Rocha dos Santos, Presidente da Câmara, na presença das autoridades civis, militares e religiosas da terra, do Provincial da Companhia de Jesus, Professores da Universidade de Costa e selecta assistência, realizou-se no Salão Nobre de S. M. S., uma sessão solene comemorativa do 4.º centenário da Companhia de Jesus.

Abriu a sessão o Presidente da Câmara, apresentando os oradores. Seguiu-se no uso da palavra o sr. dr. Francisco Meireles, representante da comissão organizadora da festa, que agradece as facilidades prestadas por todos para que ela se realizasse.

Toma uso da palavra o grande orador e escritor, o jesuíta Dr. Domingos Maurício Gomes dos Santos, director da *Brotéria*. Da sua brilhante oração não podemos dar senão uma pálida ideia, em algumas breves notas que tomamos.

— Não sendo de Guimarães — a minha infância decorreu entre a Senhora da Penha e a Senhora do Sameiro, entre a Citânia e o Castelo, entre o Ave e o Vizela, os mestres, as festas e as romarias, as procissões de Guimarães — fui seu filho espiritual.

— Uma festa da Companhia na S. M. S., mas, o que julgo inédito, o grande sábio mantém colaboração com o jesuíta António da Costa Cordeiro no seu estudo da *Ora Marítima*.

Tôda a actividade de 4 séculos — quatro séculos de História — sob o lema: Deus e Pátria!

— E' na fonte que água jorra puríssima... é preciso remontar à origem para melhor conhecer a companhia. (Descreve-nos então a vida de Inácio e a fundação da Companhia).

— A intransigência na verdade de Deus, disciplina e obediência aos chefes, espírito compreensivo, sabendo adaptar-se a tudo, tentando ver, indagando o que há de verdade, de justo, nas reivindica-

Deus salvara a cristandade florescente do Japão e castigara rudemente a malícia dos bonzos.

Finalmente, depois de ter sido um dos maiores missionários do Japão, Luiz de Almeida, no fim da vida ordenado de sacerdote, morre em Amahusa no ano de 1583 cansado de tantos trabalhos pela dilatação do reino de Deus e honra do nome português.

Grande médico, grande português e grande jesuíta o P. Luiz de Almeida!

J. MONTEIRO PACHECO.

ções e fenómenos novos — um dinamismo corporativo ao serviço de Deus — tal o espírito da Companhia.

— Nesta hora grave que passa... devemos obedecer àquele que a Providência nos deu por chefe, dentro dos princípios da nossa Fé e no amor da nossa Pátria.

— Na era de quinhentos a história da companhia é a história de Portugal.

Como então de novo a Companhia, para glória de Deus e da Pátria, continua a trabalhar, em todos os ramos, científico, social, moral e religioso, sempre e nas primeiras linhas.

Termina lendo o soneto *o Jesuíta*, de Mestre António, Sardinha, pedindo a Deus mais centenários gloriosos, no rosário dos Séculos.

Fala em seguida o Dr. Luiz Pina, catedrático do Pôrto, que traça um elogio à acção missionária dos Jesuítas, foca o génio múltiplo de Vieira e analisa o *Sermão de S. Lucas*, do mesmo Jesuíta António Vieira. Os dois esplêndidos trabalhos foram largamente aplaudidos.

Um grupo Coral da Costa fez-se ouvir num hino a Guimarães, a Portugal e à Companhia Real de Jesus.

MENSAGEM

(Continuação da página anterior)

Mar Português. Padrão

O esforço é grande e o homem é pequeno.
Eu, Diogo Cão, deixei...
... Este padrão signala ao vento e aos Céus
Que, da obra ousada, é minha a parte feita:
O por-fazer é só com Deus.
E ao imenso e possível oceano
Ensinam estas Quinas que aqui vês,
Que o mar com fins será grêgo ou romano:
O mar sem fim é português.

Mar Português. A última Nau

Levando a bordo El-Rei D. Sebastião,
E erguendo, como um nome, alto o pendão
Do Império,
Foi-se a última Nau, ao sol aziago
Erma, e entre choros de ânsia e do presago
Mistério...

O Encoberto. Os símbolos. D. Sebastião

Sperai! Cai no areal e na hora adversa
Que Deus concede aos seus
Para o intervalo em que esteja a alma imersa
Em sonhos que são Deus.
Que importa o areal e a morte e a desventura
Se com Deus me guardei?
E' O que eu me sonhei que eterno dura,
E' Esse que regressarei.

NA TERCEIRA PARTE, o Encoberto, subdividida nos *Simbolos*, onde nos descreve a ânsia do regresso ao *Desejado* e da formação do *Quinto Império*; os avisos, anseios da Bandarra, Padre António Vieira e seus, que são os da geração nova; os tempos onde, depois de nos descrever a *noite*, a *tempestade* e o conformismo — *calma* que é desalento — parado e incolor, onde a alma portuguesa se insensibilizara, do século liberal — o *nevoeiro*. Termina aqui o seu poema na visão da *antemanhã* do *Ressurgimento* — e lança o grito de revolta, acordando para a luta a alma adormecida da Raça.

— «(Que ânsia distante perto chora?)
O Portugal, hoje és nevoeiro...
E' a Hora!»

Visado pela Comissão de Censura

PRESENTE!

(Continuação da 1.ª página)

ver; as manifestações do espírito cada vez pairando mais alto, em desejo e anseio de «**mais além**» — a revolução continua...

Era tempo de falar alto e claro ao mundo — todo um passado heróico nos autorizava — e naquela serenidade, pausada e vincada, diz-lhe:

— «**Quando a Europa deixa perceber que há regimes políticos essencialmente agressivos e outros dotados de evangélica mansidão e respeito pelos direitos não só comete um êrro clamorosamente desmentido pelos factos mas tende para artificiosa criação de blocos ideológicos e suscita problemas de ordem interna nos Estados que estão longe de facilitar o caminho para o entendimento; e quando exige ou concede direitos de cidade a organizações partidárias cuja direcção ou chefia residem em país estrangeiro e se manifesta contra a existência nacional independente, está a minar a solidez dos mesmos Estados ou soberanias em que pretende apoiar-se para construir a paz. — ... quando a Europa se deminue, é já menor o mundo.**»

— «**Muitas vezes nos batemos por honra, dever ou ideal, não por interesses materiais... Quando muito defendemos o nosso direito e mostrámos que a vida fácil nunca foi nosso quinhão: isso nos dá direito a falar de paz sem se poder dizer que o fazemos por covardia ou comodidade. E' por convicção; é por dever.**»

— «**Mantendo-nos a nós próprios firmes contra os assaltos organizados cá dentro, garantindo a segurança e tranqüilidade da fronteira, enfrentando por toda a parte a incompreensão e cegueira da Europa (onde a Espanha Nacional, tam poucas amizades contava), arrostando contra más vontades, ameaças e perigos, umas vezes acompanhados, algumas vezes sós, guiados apenas por mais exacto conhecimento das situações e mais clara visão dos interesses da Europa ocidental, que através de tudo pretendíamos defender, sem cansaço, sem desânimo, sem cálculo, fomos desde a primeira hora o que deveríamos ter sido — amigos fiéis da Espanha, no fundo peninsulares. Um só limite há hoje à plena liberdade da sua acção externa — o tratado de amizade com Portugal.**»

— «**A nossa ordem interna desenvolve-se em harmonia com o nosso modo de ser e os nossos princípios constitucionais e morais; a nossa política externa em harmonia com os nossos interesses e os deveres que nos impomos como membros da comunidade civilizada.**» (Salazar, 22-5-939).

Foi esta a sua Política de Sacrifício que pôs a Casa Lusitana em ordem; foi esta Política de Verdade que nos colocou inteiramente a seu lado; foi esta Política Nacional que ergueu a Nação ao lugar que ela merece no Mundo.

De novo na luta e no trabalho, graças a Deus, ainda não recuamos, permanecendo os mesmos — agindo no presente, confiando no futuro.

Ainda são palavras que escrevemos no nosso primeiro número.

Outras actividades absorvem todo o tempo disponível — e pareceria que desanimamos ou adormecemos — e muito se enganam.

Mas quando nos chamam de novo às fileiras encontramos-nos sempre nas primeiras linhas, não conhecendo outras — linhas que por direitos incontestáveis conquistamos — respondendo: presente!

ANTÓNIO-LINO.

ORA HÁ PORTUGUESES SUFICIENTEMENTE ORGULHOSOS DA SUA QUALIDADE DE PORTUGUESES PARA — DAR À NAÇÃO E À SUA POLÍTICA UM TAL APRUMO E DIGNIDADE QUE POSSAM RECONQUISTAR PARA PORTUGAL O BOM NOME E O RESPEITO DE TODOS. ÊSSES PORTUGUESES SABEM QUE, SEM EXAGEROS, SEM AGRESSIVIDADE, SEM DECLARAR QUIXOTESCAMENTE GUERRA AO MUNDO, OS PAÍSES, COMO OS INDIVÍDUOS, PODEM, PELO SEU TRABALHO E PELAS SUAS VIRTUDES, TER DIREITO OS POBRES A ESTAR DIANTE DOS RICOS, OS PEQUENOS DIANTE DOS GRANDES, DE PÉ, DE CABEÇA LEVANTADA E ATÉ DE CHAPÉU NA CABEÇA.

SALAZAR

DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR ALGUNS DADOS BIOGRÁFICOS

São tantos e tamanhos os benefícios que Portugal e portanto todos os portugueses devem ao Doutor Oliveira Salazar que tudo quanto se possa fazer para lhe mostrarmos a nossa eterna gratidão não poderá nunca igualar o valor desses benefícios. Ora é bem certo que nada se pode estimar devidamente, que não seja devidamente conhecido. Parece-nos pois que para se poder apreciar como convém este grande português dos nossos tempos é preciso conhecer-lhe a vida em todos os seus pormenores.

Que magníficas e excelentes lições não se nos depararão, quando conhecermos miudamente os factos da sua existência!

Aqui vão, por isso, alguns dados que todos os portugueses deviam saber de cor.

Nasce no Vimieiro, Santa Comba Dão, a 28 de Abril de 1889.

Entre 1896 e 1899 frequenta a escola primária, na escola da vila, primeiro e depois na do Vimieiro.

Em 11 de Agosto de 1899 faz em Viseu exame de 2.º grau, sendo aprovado com 14 valores.

Em 1900 entra para o Seminário de Viseu, que frequenta até 1908.

Em 1908-1909 exerce as funções de prefeito no Colégio da Via Sacra, em Viseu, e conclue o curso dos liceus, com a classificação de 17 valores.

De 1910 a 1914 frequenta a faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, formando-se em Novembro deste último ano com a classificação de 19 valores. Frequenta o C. A. D. C. (Centro Académico de Democracia Cristã) e colabora no seu órgão, *O Imparcial*, dirigido por Gonçalves Cerejeira. Em 1912 faz parte da direcção, na qualidade de primeiro secretário.

Em 28 de Abril de 1917 toma

posse do cargo de Professor Assistente da Faculdade de Direito, passando a professor ordinário do Grupo de Ciências Económicas apenas decorrido um ano.

Em Março de 1919 é suspenso e sindicado, conjuntamente com os seus colegas da Faculdade de Direito, Doutores Carneiro Pacheco, Fezas Vital e Magalhães Colaço, sob a acusação de hostilidade à República. Todos os acusados foram ilibados.

Em 1921 foi eleito deputado pelo Centro Católico e compareceu um dia na Câmara dos Deputados — 2 de Setembro de 1921 — mas não voltou.

Em Junho de 1926, após a vitória do 28 de Maio, faz parte do primeiro ministério do General Gomes da Costa, mas por quinze dias apenas, e regressa a Coimbra a continuar a ensinar.

Em 27 de Abril de 1928 volta a sobraçar a pasta das Finanças, desta vez e definitivamente, para se manter ao leme da Governação Pública e fazer a revolução que é o orgulho de todos os portugueses e a admiração do mundo inteiro.

Em 21 de Janeiro de 1930 foi ministro interino das Colónias, publicando nessa qualidade o *Acto Colonial*.

Em 5 de Julho de 1932 tomou posse da Presidência do Ministério, onde ainda se encontra, e de ministro interino da Guerra.

Em 11 de Maio de 1936 assumiu também a pasta dos Negócios Estrangeiros.

Em 4 de Julho de 1937 escapou ao atentado que pretendia liquidá-lo.

Em 1939 assume a Chefia do Estado quando da visita de S. Ex.ª o Sr. General Carmona ao Império e à União Sul-Africana.

Em 28 de Agosto de 1940 deixou finalmente a pasta das finanças que gerira durante doze anos.

Deus o conserve!